

**ESCRITORAS DE OUTRORA E DE HOJE:
A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO FEMININO NA
PRODUÇÃO DE GUIOMAR TORRESÃO E CLARICE
LISPECTOR**

***WRITERS FROM THE PAST AND FROM TODAY:
THE SOCIAL REPRESENTATION OF WOMEN IN
THE PRODUCTION OF GUIOMAR TORRESÃO AND
CLARICE LISPECTOR***

**Maria Lucilena Gonzaga Costa
Germana Maria Araújo Sales
UFPA**

Resumo: Desde o século XIX, a mulher vem pleiteando lugar no cenário das Letras por meio da imprensa. Na Europa e no Brasil, alguns jornais oportunizaram um espaço restrito ao papel feminino como forma de inserção, adesão e ampliação do número de leitoras. Em Portugal, Guiomar Torresão tornou-se a primeira mulher a viver exclusivamente de suas publicações, a partir da década de 1870. No Brasil, da primeira metade do século XX, a consagrada escritora Clarice Lispector, que em 2020 faria cem anos, iniciou a vida literária como colunista de jornais. Ambas as autoras percorreram trajetórias similares, embora em contextos diferentes, contudo, com a mesma perspectiva de produção: o entretenimento de um público feminino ávido por novidades. Nesse sentido, o presente trabalho aborda o percurso feito por essas escritoras, em suas primeiras publicações jornalísticas, a fim de alcançar a consolidação profissional.

Palavras-chave: Produção feminina; Guiomar Torresão; Clarice Lispector.

Abstract: *Since the 19th century, women have been pleading for a place on the literary scene through the press. In Europe and Brazil, some newspapers have opportunized a space restricted to women's role as a form of insertion, adhesion and expansion of the number of readers. In Portugal, Guiomar Torresão became the first woman to live exclusively from her publications, starting in the 1870s. In Brazil, from the first half of the 20th century, the consecrated writer Clarice Lispector, who would turn 100 in 2020, began her literary life as a newspaper columnist. Both authors have followed similar paths, although in different contexts, with the same production perspective: the entertainment of a female audience eager for novelties. In this sense, the present work addresses the path taken by these writers, in their first journalistic publications in order to achieve professional consolidation.*

Keywords: *Female production; Guiomar Torresão; Clarice Lispector.*

1. ENTRE ESCRITORAS DE OUTRORA E DE HOJE...

O centenário de nascimento de Clarice Lispector, escritora ucraniana naturalizada brasileira, e uma das mais reconhecidas do país, culmina com um momento oportuno para refletirmos sobre a atuação da mulher nas letras luso-brasileiras, particularmente no que diz respeito à imprensa periódica de extração feminina, veículo onde algumas delas reivindicavam espaço para publicação de poemas, crônicas, dicas de moda e beleza.

Nesse sentido, o cenário da imprensa europeia do século XIX foi parcialmente favorável à participação da mulher nas páginas dos jornais, pois elas contribuíam para o aumento da vendagem desses periódicos, como leitoras e, também, colaboradoras.

Na França, George Sand, Madame de Girardin, Madame Rattazzi entre outras, são apontadas como predecessoras de escritoras de outros países, como Portugal e Brasil. Contudo, temos consciência das dificuldades enfrentadas por essas mulheres, no que diz respeito às publicações de suas obras.

George Sand, a mais relevante, com a publicação de noventa romances, muitos contos, artigos em jornais e também peças de teatro (SAND, 2017, p.7), precisou adotar pseudônimo masculino para obter maior aceitação de seus escritos, ainda que seu país estivesse à frente dos demais acerca da presença feminina na área das Letras.

As escritoras portuguesas, na esteira das francesas, também tiveram papel importante nesse mesmo cenário. Embora saibamos que não existiam mulheres tipógrafas (MUZART, 2002, p. 347) e que muitas que contribuíram com a imprensa em Portugal ficaram esquecidas nas páginas dos periódicos oitocentistas, reportamo-nos, em especial, a Guiomar Torresão, autora de romances, crônicas, poemas, críticas literárias, peças teatrais e colaboradora de inúmeros jornais tanto em Portugal quanto no Brasil.

Nascida em Lisboa, em 26 de novembro de 1844 e falecida aos 53 anos, na mesma cidade, em 22 de outubro de 1898, Guiomar Torresão era filha de José Joaquim de Noronha Torresão e de Maria do Carmo Inácia Pinto de Noronha Torresão. Após a morte do pai, interrompeu os estudos, por questões financeiras, para dedicar-se exclusivamente aos escritos, maneira de sustentar a mãe e a irmã, Maria Felismina de Noronha Torresão. Para isso, utilizou vários pseudônimos como: Gabriel Claudio, Scentelha, Sith, Roseball, Tom Ponce, Delfim de Noronha, até sentir-se segura para assinar suas obras.

Ainda jovem, com aproximadamente vinte anos, Guiomar Torresão iniciou atuação na imprensa periódica, o que a ajudou a tornar-se a primeira mulher que em Portugal viveu da profissão das letras (COELHO, 2002, p. 296).

A “operária das letras” estreou como romancista em 1868, com o romance-folhetim *Uma Alma de Mulher*, publicado no jornal *A Voz Feminina* e em livro no ano seguinte. Depois vieram *Rosas Pálidas* (1873), *Família Albergaria* (1874), *Meteoros* (1874), *Paris* (1888) e outras, entre as quais destacamos *No teatro e na Sala* (1881), prefaciada por Camilo Castelo Branco, e que reúne contos,

teatro, crítica literária etc.

Sua contribuição para as letras luso-brasileiras conta com diversos gêneros como: ficção, dramaturgia, poesia, ensaio e jornalismo entre outros, mas foi a direção do *Almanaque das Senhoras* (1871 – 1927), que a tornou mais conhecida em Portugal e no Brasil, já que essa publicação era enviada para este país.

Pelo conjunto da obra, tendo como base influência francesa, a escritora alcançou, para além de amizade com Camilo Castelo Branco e Fialho D'almeida, um público feminino considerável, chegando, inclusive, a ser correspondente portuguesa do jornal *O Liberal do Pará*, para onde enviava suas “Cartas Lisboenses”, dedicadas exclusivamente “às minhas formosas leitoras paraenses”. (TORRESÃO, *O Liberal do Pará*, 18/01/1880).

No Brasil da primeira metade do século XX, outra jovem escritora começou a carreira na imprensa, foi o caso de Clarice Lispector, nascida em Tchetchélnik (Ucrânia) em 10 de dezembro de 1920 e falecida no Rio de Janeiro (Brasil), em 09 de dezembro de 1977, um dia antes de completar cinquenta e sete anos. Com um ano e três meses, desembarcou com a família no Brasil, em virtude da guerra civil instaurada na Ucrânia, após a Primeira Guerra Mundial.

Naturalizada brasileira, Clarice Lispector viveu com os pais e duas irmãs em Maceió, depois se mudaram para Recife, onde morreu a mãe. Nessa cidade, com aproximadamente dez anos de idade, Clarice escreveu seus primeiros contos, enviados à seção “O Diário das Crianças” do *Diário de Pernambuco*, “mas nenhum deles é publicado, porque, segundo futuro depoimento de Clarice, suas histórias não contam ‘fatos’, mas ‘sensações’” (GOTLIB, 2013, p. 609).

Em 1935, a família mudou-se para o Rio de Janeiro. Cinco anos depois, em 1940, a jovem Clarice publicou na revista semanal *Pan*, o seu primeiro conto, intitulado “O Triunfo”. No mesmo ano em que morreu o pai, ela iniciou a carreira como redatora da Agência Nacional do Departamento de Imprensa e Propaganda, em seguida trabalhou no jornal *A Noite* – espécie de embrião de *O Globo* – considerado um dos mais importantes periódicos da primeira metade do século XX.

Aos vinte e três anos publicou o primeiro romance, intitulado *Perto do Coração Selvagem*, obra bem acolhida pela crítica brasileira. A autora seguiu escrevendo para vários jornais e, simultaneamente, publicando seus romances e contos, entre os quais destacamos: *Perto do Coração Selvagem* (1940), *Laços de Família* (1960), *A Maça no Escuro* (1960), *A Paixão Segundo G. H.* (1961), *Felicidade Clandestina* (1971) e *A Hora da Estrela* (1977).

Mas o que nos convém neste trabalho é apontar a atuação da referida escritora nas colunas “Correio Feminino”, do jornal carioca *Correio da Manhã* e em “Só para Mulheres”, do *Diário da Noite*, pois nos periódicos, assim como Guiomar Torresão, ela também utilizou pseudônimos, sendo: Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares, desenvolvendo um trabalho diferente dos contos e romances consagrados, haja vista a especificidade das colunas.

2. BENDITO O ESCRITO ENTRE AS MULHERES...

Tanto Guiomar Torresão, escritora portuguesa do século XIX, quanto Clarice Lispector,

brasileira do século XX, fizeram percursos parecidos no que diz respeito ao início da carreira literária, mesmo em épocas distintas, tiveram que agir como mulheres “donas de casa”, aconselhando suas leitoras sobre comportamentos socialmente adequados, dando dicas de moda e receitas de beleza. O que nos instiga a refletir sobre o papel da mulher escritora nesses respectivos contextos.

Obviamente que as duas autoras atendiam a um público feminino seletivo. Em Portugal, especificamente no ano de 1878, década em que Torresão intensificou a publicação de suas obras, a taxa de analfabetismo feminino era de 89,3%, (VAQUINHAS, 2011, p. 29) o que nos faz compreender que os jornais tencionavam uma coluna exclusiva para cativar mulheres de uma classe social abastada, dispostas a assinar periódicos para entreter o tempo, que se gastava com editorial de moda, beleza, jardinagem, entre outras amenidades.

Para assinar essas colunas, era necessário contratar mulheres inteligentes, que liam assiduamente, entendiam de modas internacionais, e que deveriam se reportar, quase exclusivamente ao público feminino, já que para o homem existiam muitos jornais e obras direcionados. Conforme justificava a colunista portuguesa:

O que te havia de dizer, que tu não soubesses já de cor, absorto nos teus grandes trabalhos ou adormecido nos teus grandes ócios? Depois, tu tens poetas, romancistas, folhetinistas, que são absolutamente teus; e ela, a Oprimida, como lhe chama Gomes Leal, ninguém escreve para ela; deram-lhe os jornais de moda cuidando que lhe davam tudo! Ora eu, sem querer de forma alguma intrrometer-me nas teorias de Stuart Miller, direi sempre que a mulher de hoje não é a mulher de ontem e que o que podia preocupar aquela não satisfaz já hoje esta. Por isso mesmo que todos escrevem para os homens, proponho-me eu a escrever para as mulheres.

(TORRESÃO, 1875, p. 102 – 103)

Vejamos que a incumbência de Guiomar Torresão, para além do entretenimento da leitora, era também, de certa maneira, a de instruir e cativar esse público exigente, acostumado ao conforto do lar, das modistas, dos teatros, e de quem dependia, pois se fosse rejeitada, poderia perder a contratação do jornal.

Não por acaso, a colunista defendia essa nova mulher, para quem “deram-lhe os jornais de moda cuidando que lhe davam tudo!”, ou seja, não bastava apenas uma seção de periódico, era preciso também que a leitora fosse orientada para o estudo, o comportamento e a ideologia da época, afinal, “a mulher de hoje não é a mulher de ontem e que o que podia preocupar aquela não satisfaz já hoje esta”, só uma boa percepção como a de Guiomar Torresão era capaz de compreender esse papel.

Na obra *Meteoros* (1875) a folhetinista apresenta o público para quem escrevia, inclusive o *Almanaque das Senhoras*:

Que feliz és tu leitora!... Para ti vestem-se de flores os passeios municipais, transforma-se o Campo Grande numa espécie de steeple chaise, enchem-se

os teatros, despovoam-se os cafés, põe-se relevo nas palavras, espíritos nos ditos, inventam-se penteados góticos, toaletes impossíveis à força de exagero; suam os cabeleireiros, tressuam as modistas, idealizam os caixeiros poemas de fitas e rendas, absorvendo horas em cada estrofe; publica-se o Almanaque das Senhoras; e cantam, também para ti, os poetas líricos – rouxinóis sem penas – a ela ou para ela (...). Pois eu, não tenho nem steeple chaise, nem modistas, nem cabeleireiros, nem versos a ela, e o que é pior, nem vontade própria porque me dedico exclusivamente a recrear-te, a ser curiosa, a indagar tudo para conseguir assenhorear-me das tuas enfatiadas atenções.
(TORRESÃO, 1875, p. 122 – 123)

Guiomar Torresão não pertencia à aristocracia portuguesa, precisando trabalhar e agradar a leitora para poder se manter economicamente, segundo justificava, não tinha sequer “vontade própria”, o que nos faz refletir sobre a postura que adotava em meio às ideologias da época, mormente no que se refere às questões femininas, diante, muitas vezes, da futilidade de suas leitoras.

A própria colunista pondera sobre a dificuldade em atrair atenção da mulher, fugaz em sua época: “Conheço poucas coisas tão difíceis, leitora, como principiar um artigo de maneira que o teu olhar distraído e frio se ilumine de súbito, e o teu espírito fique ali, de repente, subjugado. Prender-te, nestas questões de letras, é caso sério”. (TORRESÃO, 1875, p. 202)

Conforme as palavras da colunista, não era fácil atrair o público feminino, difícil agradá-lo com editoriais relacionados às letras, pois as colunas dedicadas a essas leitoras visavam as amenidades do espírito por meio do luxo, da pompa, da ostentação, o que Guiomar Torresão deixava sempre demarcado nos escritos.

Em uma sociedade em que a beleza era regida pela riqueza do ouro, a folhetinista tentava salvaguardar sua ideologia, colocando-se em situação de subalternidade, embora, apenas financeira, visto que ela era detentora de um saber pouco reconhecido em mulheres de sua época.

A beleza nas mulheres é objeto de luxo só permitido às que podem emoldurá-lo em ouro. As outras, as pobres, as deserdadas da sorte, força lhes é salvaguardar a formosura na virtude austera e varonil de Ruth; cobrir a púrpura das rosas com um véu eriçado de espinhos.
(TORRESÃO, 1875, p. 158)

A escritora sempre deixava clara a diferença de classe existente entre ela e suas leitoras, e que não tinha preocupação em guiar-se pela moda, mas sim pela necessidade de sua escrita, afinal, tinha o colunismo de jornal como profissão.

Em meio ao compromisso com a moda, assunto prioritário da coluna assinada por Guiomar Torresão, ela não se furtava aos conselhos que considerava necessários às leitoras: elegância, discrição e inteligência para discernir entre a delicadeza e a extravagância no vestir e no portar-se:

Agora o que me parece é que não deve a tua fina inteligência de mulher elegante prostrar-se, escrava cega e humilde, perante os caprichos e as extravagâncias, por

vezes ridículas, da moda! Há uma delicadeza de tato na mulher que raras vezes se desmente; em questões de gosto colhe de ordinário a palma; corre-lhe no sangue – a essência da estética; ao passo que a moda, ávida de mocidade que não tem, lavra pelas mãos dos seus ministros decretos em que só pelo capricho de variar se anula o belo para dar lugar ao feio!
(TORRESÃO, 1875, p. 165)

Consciente de seus editoriais, ainda que fosse a moda o tema proposto, a escritora subverte parcialmente a coluna ao advertir as leitoras sobre a necessidade da discricção, chegando, inclusive, a apontar distinção existente entre ambas.

Guiomar Torresão preza pela naturalidade e demonstra-se resistente ao que lhe é imposto, ou seja, é mulher de “fina inteligência” que não cede aos “caprichos e extravagancias” da moda:

Aconselho-lhes a que não procurem moldar o meu gosto com o seu. Ele é quase sempre filho do acaso e tem o que quer que seja da arte exótica que resiste, sombria e desdenhosa, aos extremos do horticultor, que estiola na *jardinière*, onde as outras plantas medram e desabotoam em flores, que se esquia ao ambiente temperado do *boudoir*, que pende para os raios do sol quando as suas irmãs fogem dele, e que vai afinal rebentar, viçosa, robusta com as folhas lustrosas e risonhas, no beiral de um telhado!...
(TORRESÃO, 1875, p. 82 – 83)

De maneira implícita, a colunista reiterava sua posição sobre a influência da moda imposta às mulheres de seu tempo. Ao assumir-se “sombria e desdenhosa” ela revelava a resistência que tinha perante as extravagâncias do vestuário, tão comuns à aristocracia portuguesa, que provocava desconforto físico ao “enfiar o corpo numa dessas monstruosas gaiolas de ferro e de baleia, tecidas com fios de pita e de crina”. (TORRESÃO, *O Liberal do Pará*, 07 de setembro de 1879).

Nesse sentido, Guiomar repudiava a condição em que as leitoras se submetiam, pois:

O vestuário feminino refletia estes valores, constringendo as mulheres a uma mobilidade forçada. Espartilhos, saias-balão ou crinolinas confeccionadas com arcos de junco, de baleia ou varas de aço e que chegaram a tomar “dimensões colossais” por volta de 1850 – 1860, “tournures” ou almofadas de crina com arcos de aço, colocadas ao fundo das costas presas ao espartilho, entre tantos outros atavios destinados a dar relevo ao busto e aos quadris, dificultavam os movimentos e as possibilidades de deslocação. Gestos simples como sentar, passar por uma porta estreita ou caminhar podiam ser incomodativos e até, em certas circunstâncias, “cômicos”, “como quando o vento virava do avesso a crinolina à laia de chapéu de chuva”. “Corretivos” que funcionavam como entraves a qualquer esforço físico, mas que eram prestigiantes pelo significado social que encerravam.
(VAQUINHAS, 2011, p. 57)

Ao longo dos séculos, para a mulher adequar-se à moda, era preciso um capital financeiro

considerável, pois as roupas sob encomenda custavam caro e as modistas eram exclusividades de poucas, além de sacrifícios físicos a que se submetiam considerados inimagináveis atualmente.

3. MULHERES ENTRE LETRAS...

Já no século XX, Clarice Lispector reiterava que “enfim, esse é o mundo em que vivemos, e em todos os países do mundo há as mulheres que se dedicam de corpo e moda à elegância para se sobressaírem de qualquer modo. Para isso é preciso ter dinheiro, bom gosto, preocupação com o assunto, ousadia etc.”. (LISPECTOR, 2012, p. 196)

Muitas consumidoras tornavam-se verdadeiras “escravas” de certos modismos que, em situações extremas, causavam até a morte de algumas, fosse por acidente pelo uso da crinolina, em incêndio pelo volume e camadas de saia ou mesmo por asfixia, em virtude dos espartilhos e demais vestimentas apertadas no intuito de fazer cintura, elevar os seios, entre outros artifícios físicos.

Era, justamente, nesse sentido, que Torresão apontava suas ressalvas, aconselhando cautela no uso desses acessórios. Vale ressaltar que em meio às inúmeras colunas de jornais devotadas ao público feminino, poucas eram as colunistas que se manifestavam com restrição ao uso de vestimentas e adornos que causassem mal-estar nas mulheres, pois o sacrifício era quase inerente à beleza, na época.

Nesse sentido, é importante trazer à baila as recomendações de Guiomar Torresão e de Clarice Lispector – como veremos posteriormente –, haja vista que as duas escritoras merecem destaque nesse meio em que raramente a mulher escrevia em causa própria. Segundo Irene Vaquinhas (2011):

Não será por isso de estranhar que também as reações femininas surjam da parte de uma minoria de mulheres instruídas, oriundas da burguesia ou da burguesia enobrecida pelo regime liberal. Ressalvadas algumas exceções, é sobretudo a partir da 2.^a metade do século XIX, e de uma forma mais intensa desde 1890, que, algumas mulheres, não podendo intervir politicamente, pegam na caneta e se fazem escritoras, jornalistas, publicistas, para defender uma causa, ou causas, que consideram não dizer apenas respeito às mulheres, mas a toda a sociedade. (VAQUINHAS, 2011, p. 45 – 46)

No último decênio do século XIX, as escritoras assumiam as causas sociais de maneira mais intensa, principalmente no que diz respeito à condição feminina. No jornal *O Liberal do Pará*, Guiomar Torresão informava, em uma de suas “Cartas Lisboenses”, que uma brasileira de dezenove anos estava concluindo o curso de medicina nos Estados Unidos: “Acabamos de ler no *Commercio de Lisboa* que a senhora Maria Augusta Generoso Estrella, natural do Brasil, filha do sr. A. A. Generoso Estrella vai doutorar-se em medicina nos Estados-Unidos”. (TORRESÃO, *O Liberal do Pará*, 08 de fevereiro de 1890. É relevante atentar para essa informação, publicada em jornais de Portugal e do Brasil, justamente por se tratar de um fato importante, relacionado à trajetória intelectual da

mulher. Na coluna paraense, Torresão referiu-se à jovem estudante, a futura médica noticiada era:

Maria Augusta Generoso Estrela (1861 – 1946) Natural do Rio de Janeiro. Foi a primeira médica brasileira. Formou-se em 1881 pelo New York Medical College and Hospital for Women. Estudou anteriormente no Colégio Brasileiro, de Laranjeiras, no Rio de Janeiro.

Fundou em Nova York, em 1881, com sua colega Josefa Águeda Felisbela Mercedes de Oliveira, o periódico *A Mulher*, de literatura e belas artes, consagrado aos interesses e direitos da mulher brasileira.

(BERNARDES, 1988, p. 198)

O fato mereceu destaque em primeira página de *O Liberal do Pará* que “Abriu-os intencionalmente a nossa Carta Lisbonense com esta notícia, no intuito de significarmos às leitoras o júbilo de que nos sentimos possuídas ao ver o Brasil dar um passo de tão profundo desenvolvimento intelectual e de tão larga ação humanitária”. (TORRESÃO, *O Liberal do Pará*, 08 de fevereiro de 1880).

Em Portugal, dez anos depois desse fato apontado pela correspondente Guiomar Torresão, é que “no ano letivo de 18891 – 1892, a Universidade de Coimbra abre as suas portas à primeira mulher. Tratava-se de Domitila de Carvalho que viria a licenciar-se em Matemática e Medicina”. (VAQUINHAS, 2011, p. 29)

A atuação da mulher passava a ganhar destaque nas páginas dos jornais, em especial nas colunas femininas. No Brasil, Clarice Lispector advertia suas leitoras, que se preocupavam em arranjar marido e deixavam os estudos de lado:

Nós não estamos mais no tempo em que a única finalidade de uma mulher era arranjar marido. Não importava de que qualidade fosse. Um marido era o objetivo. Felizmente, isso passou. Hoje, frequentando Universidades, libertando-se dos falsos tabus que faziam da mulher um ser inferior e eternamente submisso, o problema casamento passou a ser encarado de forma muito mais acertada e serena. Se uma jovem não encontra o seu ideal, não casa, pronto. Nada de mal lhe advém daí. A sociedade esqueceu o antigo preconceito contra as solteironas, e a mulher passou a ser respeitada pelo seu valor próprio, sem precisar de uma presença masculina a seu lado para se impor.

(LISPECTOR, 2006, p. 74)

A brasileira Clarice Lispector observava em suas crônicas que as mudanças relacionadas à mulher começam a acontecer, pois elas passavam a ter os seus direitos mais respeitados, notadamente, em relação aos “falsos tabus que faziam da mulher um ser inferior e eternamente submisso, o problema casamento passou a ser encarado de forma muito mais acertada e serena”. Nesse sentido, as publicações de Lispector contribuíam para que as leitoras alcançassem a tão almejada emancipação feminina.

Contudo, essa conquista não foi fácil e repentina, precisou passar pela crítica de muitos

Homens de Letras, que se sentiam incomodados pelo espaço ocupado por essas mulheres. Guiomar Torresão foi, muitas vezes, alvo de alguns detratores de suas publicações e, frequentemente, queixava-se que:

A crítica literária que em França, na Alemanha e em Inglaterra representa uma escola, constitui um estudo especial, organiza uma seita distinta, que atrai e agrupa individualidades brilhantes, como Saint-Beuve, H. Heine, Pope e simultaneamente distribui lições e estímulos, correções e incitamentos, resume-se aqui a pouco mais de zero!... Ou sobe até a apoteose cobrindo com a púrpura do ridículo o mortal repentinamente transformado em semideus, ou desce para apedrejar, arrastar e macular com insulto! No primeiro caso assombra, no segundo cega! O termo médio, cifra-se em desprimores que não recuam diante do que há mais digno – o trabalho, nem sequer respeitam o nome de uma mulher! E indistintamente mordem como a vespa, e ferem como a farpa (...) A crítica literária em Portugal (...) não é judiciosa, que corrige, nem engraçada, que faça rir; é simplesmente, salvo raras exceções, detestável!
(TORRESÃO, 1875, p. 8 – 9)

Na introdução de *Meteoros* (1875), Torresão desabafava as angústias que sofria por conta dos críticos literários portugueses que “indistintamente mordem como a vespa, e ferem como a farpa”, especialmente, a mulher escritora, desrespeitando-a. Bem diferente de outros países da Europa onde se ofereciam “lições e estímulos, correções e incitamentos”. Daí a grande dificuldade de uma mulher tornar-se escritora em Portugal no Oitocentos.

Enquanto os outros países incentivavam as publicações das mulheres e avançavam nas produções femininas, a escritora portuguesa sentia-se rechaçada pelos seus próprios conterrâneos.

Entre nós, força é dizê-lo, aceita-se com dificuldade, como que a medo, a mulher escritora. Lá fora banqueteiavam-se elas, coroadas de louros, com vivas sempre bem vindos, ao banquete da ilustração. Todo mundo lê e admira os livros da Stäel, da Stowe, da Ida Pfeiffer, da Girardin e de muitas outras. A França, a nação onde o talento tem dado de si o mais luxuoso testemunho, a mais brilhante manifestação, registra entre suas glórias literárias um nome de mulher: o da G. Sand. Aqui não; Portugal, pequeno em tudo, tímido, glacial como os velhos por onde os invernos têm passado, deixando-lhes gelo na frente e aridez na alma; Portugal tem a pouca generosidade de não acreditar nas raríssimas mulheres que ousam atirar para a onda da publicidade com as suas ideias! Elas, coitadas, dispondo de minguado cabedal científico, condenadas à privação de bons e sadios estudos, realizam, no pouco que fazem, milagres de paciência e de corajosa dedicação, tendo de lutar com a má fé, com a indiferença, e com o desamor!
(TORRESÃO, 1875, p. 40 – 41)

Ao comparar o tratamento dado às escritoras francesas, Torresão queixava-se da frieza com que a crítica portuguesa desferia o descrédito à publicação de ideologia feminina e argumentava sobre a necessidade de a mulher ter paciência, coragem e dedicação para suportar a indiferença de

seus detratores.

No ano de 1888, após passar três meses na capital da França, Guiomar Torresão publicou o livro *Paris: Impressões de viagem*. Nessa obra, a autora relatou uma de suas maiores alegrias, no que diz respeito à profissão assumida:

Eu senti uma alegria que me fez naquela hora abençoar a fatal vocação, condenada sem atenuantes nos meus dias cinzentos; – a minha vida literária, tal qual ela pode ser em Portugal, obscura, improfícua, pobre e triste, a que eu devia a felicidade de conhecer Dumas e de me achar na casa da Avenida Villiers.
(TORRESÃO, 1888, p. 35)

A oportunidade de conhecer o famoso escritor francês Alexandre Dumas (filho), significou um momento ímpar à Guiomar Torresão, oportunizado justamente pelo fato de ela ser também uma Mulher de Letras e reconhecida como tal pelo autor de *A Dama das Camélias*. O reconhecimento obtido pela folhetinista a fez abençoar, inclusive, a “improfícua” vida literária que tinha em Portugal.

No Brasil, essa mesma satisfação foi vivenciada pela autora Clarice Lispector ao encontrar o escritor português David Mourão Ferreira, a quem teve “a honra” de apresentar ao crítico brasileiro Eduardo Portela:

Aproveitei o intervalo para dar um abraço em David Mourão Ferreira, grande poeta e ensaísta, ministro da Cultura em Portugal. O professor Eduardo Portela, crítico e ensaísta brasileiro, grande também, viera à recepção sobretudo para poder dar um abraço em David Mourão Ferreira: eles se cartavam, mas nunca se tinham visto pessoalmente. Tive a honra de apresentá-los um ao outro. David, criatura doce, disse que devíamos ser convidados a ir a Portugal, Portela e eu, e mais alguns, umas cinco pessoas ao todo.
(LISPECTOR, 2012, p.214)

A possibilidade de adentrar o espaço restrito, quase que exclusivamente aos homens, gera nas escritoras de Portugal e do Brasil um sentimento de pertencimento ao território antes somente ocupado pelos Homens de Letras. Tanto Guiomar Torresão quanto Clarice Lispector tinham consciência que tais oportunidades de conhecer pessoalmente os renomados escritores só foram possíveis graças ao reconhecimento por elas obtido e que, de certa maneira, abriram caminho para outras de igual valor.

Guiomar Torresão e Clarice Lispector tiveram de passar por inúmeras provas para que seus trabalhos alcançassem a devida perpetuação na história literária. Infelizmente, a autora portuguesa não teve a mesma sorte da brasileira, hoje consagrada como a maior escritora da literatura do Brasil.

As primeiras produções jornalísticas de Clarice Lispector ocuparam muito de seu tempo e dedicação. Ao utilizar o pseudônimo de uma vedete, a autora contava garantir maior aceitação de seu público, que via na artista a possibilidade de se equiparar a ela. Em um de seus depoimentos Clarice asseverou:

Voltando ao jornalismo feminino. Quando eu trabalhava em redações de jornais, era repórter e redatora, fazia de tudo, menos a parte de polícia e parte de notícias sociais. Depois, não podendo na ocasião dar horário integral, fiz uma página feminina para dois vespertinos. Num, não havia assinatura. No outro, eu escrevia, mas quem assinava era Ilka Soares, a vedete das mais simpáticas e bonitas. Seu nome atraía leitoras que queriam saber sua opinião sobre modas, culinária, beleza etc.

(LISPECTOR, 2012, p.132)

Para alcançar a consagração, a escritora brasileira precisou fazer “de tudo” nas páginas dos jornais para provar sua competência, tendo, inclusive que se passar por “Ilka Soares, a vedete das mais simpáticas e bonitas. Seu nome atraía leitoras que queriam saber sua opinião sobre modas, culinária, beleza etc.”, melhor dizendo, o trabalho dessas colunistas era dobrado a fim de alcançar um bom público e uma renda razoável.

Na mesma esteira de Guiomar Torresão, a Lispector também tinha um público seletivo, embora ela tenha escrito mais de meio século depois da portuguesa, tratava-se de leitoras de classe média, com condições financeiras de garantir a compra de jornais, revistas e livros recomendados pela colunista.

O editorial era direcionado para as mulheres que buscavam novidades na moda, beleza, culinária, comportamento entre outros assuntos, conforme Clarice Lispector assegurava:

Há já bastante tempo, precisando de dinheiro, combinei com um jornal carioca que eu faria a página feminina; só que ela não seria assinada por mim, e sim por Ilka Soares. Além de vantagem para o jornal, convinha a ambas. Encarregaram-me, pois de seção culinária, de beleza, de modas, e de conselhos destinados exclusivamente para a mulher, mulher de classe média.

(LISPECTOR, 2012, p. 158)

Ilka Soares era o pseudônimo ideal para conquistar o público feminino, afinal, tratava-se de uma artista famosa, que, certamente, influenciaria no gosto e nas escolhas das mulheres de classe média carioca.

Clarice Lispector, assim como Guiomar Torresão, também precisava de dinheiro para se manter financeiramente, mas não se deixava envolver pelas futilidades da coluna, afinal, vislumbrava a “mulher esclarecida”, como leitora ideal ou, pelo menos, tentava torná-la ao aconselhar:

A mulher esclarecida sabe disso. Ela estuda, ela lê, ela é moderna e interessante sem perder seus atributos de mulher, de esposa e de mãe. Não tem de trazer necessariamente um diploma ou um título, mas conhece alguma coisa mais além do seu tricô, dos seus quitutes e dos seus “bate-papos” com as vizinhas. Ela cultiva, especialmente, a sua capacidade de ser compreensiva e humana. Tem coração. Despoja-se do sentimentalismo barato e inútil, e aplica sabiamente a sua bondade e a sua ternura. É Mulher.

Você, minha leitora, não limite o seu interesse apenas à arte de embelezar-se, de

ser elegante, de atrair os olhares masculinos. A futilidade é fraqueza superada pela mulher esclarecida. E você é uma “mulher esclarecida”, não é mesmo? (LISPECTOR, 2018, p.18)

A colunista brasileira adverte as leitoras sobre a necessidade de ser esclarecida não apenas nos assuntos de moda e beleza, mas também conhecer “alguma coisa mais além do seu tricô, dos seus quitutes e dos seus “bate-papos” com as vizinhas”. No afã de convencer as leitoras Clarice Lispector chega a afirmar e indagar sobre ser esclarecida: “você é uma ‘mulher esclarecida’, não é mesmo?”.

Vejamos que o fato de a brasileira escrever para colunas femininas não caracterizava exclusividade ao assunto de moda, visto que para ela era importante a mulher se modernizar por meio de estudo, leitura, compreensão e esclarecimentos sobre a vida contemporânea.

Aos poucos a colunista incutia, na mente das leitoras, ideologias de resistência frente às imposições dos bens de consumo.

Nós, mulheres, principalmente, que sabemos encontrar tempo para tantas coisas, devemos arranjar uns minutos diários para a leitura. Não é necessária a leitura prolongada, nem precisos os livros complicados. Coisa leve, variada, que nos dê uma visão rápida do mundo em que estamos e do que acontece nele, no campo das ciências, das artes, da política e... dos “disse-me disse”. (LISPECTOR, 2012, p. 92 – 93)

A mulher moderna e esclarecida não devia sucumbir a tudo que a moda lhe impingia. Antes, porém, era preciso conhecer o seu biotipo e saber o que não lhe ficaria bem. Tal preocupação é similar ao que já foi tratado sobre os escritos de Guiomar Torresão. Além disso, a colunista brasileira aconselhava leituras variadas, para além dos assuntos de moda era preciso ter noção dos acontecimentos “do mundo em que estamos e do que acontece nele, no campo das ciências, das artes, da política e... dos “disse-me disse”.

A similaridade na escrita das referidas autoras, embora entre séculos distintos, pode ser observada em vários trechos das publicações de ambas, como esse em que Clarice Lispector aconselha a leitora a não ser escrava das imposições da moda:

As mulheres obedecem sempre.

Todas as mulheres? Não. A mulher inteligente não é escrava dos caprichos dos costureiros, dos cabeleireiros ou dos fabricantes de cosméticos. Antes de adotar a última palavra da moda, ela estuda o efeito da mesma sobre seu tipo. A mulher inteligente sabe que mais importante que parecer “chique” é parecer bonita. Não quero dizer que ela ande fora de moda, use roupa e penteados antiquados. Mas o que ela usa é o que fica bem, ajuda a sua figura, realça a cor e o brilho de seus olhos e cabelos, a cor de sua pele, remoça-a e torna-a ainda mais interessante para os olhos masculinos.

Espero que minhas leitoras pertençam a esse tipo de mulher. Gostaria que todas

essas “escravas da moda”, que andam por aí, muitas vezes despertando o riso, pensassem um pouco antes de obedecer cegamente às ordens, nem sempre equilibradas, dos costureiros famosos, cujo interesse de despertar a atenção pela extravagância e pelo exagero parece crescer dia a dia. Bem triste ideia dão da mentalidade feminina essas pobres ingênuas.

Andem na moda, claro! Adotem penteados, pinturas, adereços modernos! Mas modernizem, antes de qualquer coisa, a sua mentalidade!

(LISPECTOR, 2006, p. 29)

A colunista brasileira, dirigia-se às leitoras advertindo para a necessidade do equilíbrio e sensatez em relação aos modismos, para ela, a verdadeira moda deveria ser aquela que “realça a cor e o brilho de seus olhos e cabelos, a cor de sua pele” e não a que transforma a mulher, fazendo com que ela perca sua essência e beleza.

Segundo Lispector, é preciso que as mulheres “modernizem, antes de qualquer coisa, a sua mentalidade”, ou seja, estando elas bem psicologicamente, dificilmente se deixarão escravizar pelos modismos socialmente impostos, pois “a mulher inteligente sabe que mais importante que parecer ‘chique’ é parecer bonita”, é estar bem consigo mesma.

Em algumas situações, o assunto da moda serviu de subterfúgio tanto para Guiomar quanto para Clarice reivindicarem a atenção das leitoras para algo urgente, que era o escravismo causado pelos costureiros afamados, pela extravagância e exagero no vestir, que provocava a perda da própria autenticidade e individualidade feminina.

Sobre essa perspectiva Lispector informa que:

Uma vez me ofereceram fazer uma crônica de comentários sobre acontecimentos, só que essa crônica seria feita para mulheres e a estas dirigida. Terminou dando em nada a proposta, felizmente. Digo felizmente porque desconfio de que a coluna ia era descambar para assuntos estritamente fúteis-femininos, na extensão em que feminino é geralmente tomado pelos homens e mesmo pelas próprias mulheres: como se mulher fizesse parte de uma comunidade fechada, à parte, e de certo modo segregada.

(LISPECTOR, 2012, p. 132)

Por essa publicação, constatamos que a autora brasileira tendo dedicado muitos anos às colunas jornalísticas, conhecia e selecionava seus trabalhos, procurando resguardar também o seu público, pois quando percebia que “a coluna ia era descambar para assuntos estritamente fúteis-femininos” relutava em participar, uma vez que queria evitar a segregação feminina.

Nesse sentido, convém a investigação nas páginas dos jornais do Oitocentos e do Novecentos, seja do Brasil, de Portugal, da França ou de quaisquer outros países, sobre a existência de escritoras que se valeram das páginas dos periódicos, em especial, das colunas femininas, para incutir valores importantes à emancipação, modernização e aceitação de uma nova mulher, por meio de ideologias, metáforas e símbolos combateram a segregação feminina.

As colunistas nos muniram de um legado inquestionável para historiografia literária e de

lutas feministas que perduram até a atualidade. Gerda Lerner (2019) ratifica o papel importante exercido por essas Mulheres de Letras, o qual é preciso recuperar:

Mulheres criativas, escritoras e artistas, lutaram de maneira semelhante contra uma realidade distorcida. Um cânone literário, definido pela Bíblia, os clássicos gregos e Milton, em sua consagrada obra *O Paraíso Perdido*, necessariamente enterrariam a importância e o significado da obra literária de mulheres, como os historiadores enterraram as atividades delas. O esforço para ressuscitar esse significado e reavaliar a obra literária e artística de mulheres é recente. A crítica e a poética literárias feministas nos apresentaram a uma interpretação da literatura de mulheres, que encontra uma visão de mundo oculta e deliberadamente “inclinada”, mas poderosa. Por meio de reinterpretações das críticas feministas, estamos descobrindo, entre as mulheres escritoras dos séculos XVIII e XIX, uma linguagem feminina de metáforas, símbolos e mitos. (LERNER, 2019, p. 276)

Guiomar Torresão e Clarice Lispector foram igualmente mulheres escritoras que “lutaram de maneira semelhante contra uma realidade distorcida”, um cânone masculino e uma sociedade patriarcal que eclipsou a atuação feminina nos mais diversos cenários das letras, das artes, das ciências etc.

Além de ter sido a primeira mulher a viver exclusivamente das letras, Guiomar Torresão está, no cenário português, entre as primeiras escritoras a reivindicar o respeito por parte da crítica de seu país, assim como a emancipação e a consciência de seu tempo. Isto porque ela não foi uma mulher de letras à frente de seu tempo e realidade, ela, sim, reagiu a tudo que segregava e fragilizava a figura feminina, e teve sensibilidade para perceber as mudanças pelas quais as mulheres passavam e precisavam se adaptar, obviamente que com muita resistência de algumas delas e dos homens que as acompanhavam.

Infelizmente, foram poucos os Homens de Letras que, no passado, souberam reconhecer a importância da obra de algumas autoras. Sobre a obra da portuguesa Guiomar Torresão, manifestaram aceitação Camilo Castelo Branco, Fialho de Almeida e B. de Tonnenberg, este último não poupou elogios ao prefaciá-lo o livro *Batalhas da Vida*, publicado em 1892:

Ter sabido conquistar uma posição literária tão brilhante, como aquela que ocupa Guiomar Torresão, em um país em que uma mulher que pega na pena tem que lutar contra o preconceito, quase geral, que a reenvia para o seu ménage, basta para demonstrar-nos a superioridade de sua inteligência e a tenacidade da sua vontade. É esse um belo exemplo, que não será perdido. A instrução feminina, a emancipação intelectual da mulher, tem sido uma das causas mais ardentemente advogadas por Guiomar Torresão. Se ela não tivesse outro título à nossa simpatia, bastar(TORRESÃO, 1892, p. 12)

O prefácio assinado por Tonnenberg mencionou o que a própria Guiomar Torresão tanto lamentava, a falta de reconhecimento pelo público português diante “da superioridade de sua inteligência e a tenacidade de sua vontade”. Além da aclamação, não podemos contestar a

importância dessa autora para a “instrução feminina, a emancipação intelectual da mulher” portuguesa de outrora e de hoje.

Por ter advogado essa causa, ela sempre merecerá “nossa simpatia”. É pena, no dizer de Fialho de Almeida:

(...) esta mulher só teve, para ser verdadeiramente alguém, um obstáculo – o meio onde apareceu e se fez gente. Em Londres, ou Paris, teria sido ilustre; em Lisboa quase que a quiseram tornar cômica.

(ALMEIDA. 1923, p. 188)

O crítico português reconhece o esforço de trabalho e a contribuição deixados por Guiomar Torresão, bem como reitera o que a escritora se queixava sempre. Nesse sentido, o nosso trabalho visa trazer à baila não apenas os textos das duas escritoras, portuguesa e brasileira, mas, principalmente, demonstrar que, desde o século XIX luso-brasileiro, havia uma ideologia favorável à emancipação feminina, contudo, e infelizmente, contou com forte oposição masculina, particularmente no que diz respeito à crítica literária, que calou e ocultou as colunas que lhe deram vozes.

Sobre a brasileira Clarice Lispector, já sabemos, o tempo e a boa repercussão de seus trabalhos a fizeram merecer, ainda em vida, incontestáveis reconhecimentos e considerações no Brasil e no mundo, especialmente das letras. Não por acaso o ano de 2020 celebrou a maior consagração de sua obra no Brasil e no mundo, e o seu centenário de nascimento comprovou isso com as mais de duzentas traduções para várias línguas.

REFERÊNCIAS

BARROS, Tereza Leitão de. *Escritoras de Portugal*. (Vol. II), Lisboa: António O. Artur, 1927

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de Ontem?*. Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

D'ALMEIDA, Fialho. *Figuras de destaque*. Lisboa: Clássica Editora, 1923.

GOTLIB, Nádia Battella. *Uma Vida que se Conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

JORNAL. *O Liberal do Pará*, Belém-PA, 1879; 1880.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.

LISPECTOR, Clarice. *Correio para mulheres*. Organização Maria Aparecida Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

- _____. *Correio feminino*. Organização Maria Aparecida Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- _____. *Clarice na cabeceira*. Organização Maria Aparecida Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2017.
- SAND, George. *História da Minha Vida*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- TORREZÃO, Guiomar. *Paris* (impressões de viagem). Porto: Livraria Civilização, 1888.
- _____. *No teatro e na sala*. Sem editora, 1881.
- _____. *Meteoros*. Lisboa: Tipografia Cristóvão A. Rodrigues, 1875.
- VAQUINHAS, Irene. “*Senhoras e Mulheres*” na *Sociedade Portuguesa do Século XIX*. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares

é doutora em Estudos Literários, professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Pará, lotada no Campus de Cametá. Coordena o Projeto de Pesquisa intitulado “Portugal no Jornal: Produções Portuguesas na Imprensa Cametaense”. Integra a diretoria da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa - ABRAPLIP (2018/2020). Atua nos seguintes temas: Literatura e Recepção; História da Imprensa Paraense; Relações Luso-Paraenses Oitocentistas. Contato: lucilenacosta@gmail.com

Germana Maria Araújo Sales

Professora Titular da Faculdade de Letras, do Instituto de Letras e Comunicação (ILC), da Universidade do Federal do Pará, atuando especialmente em temáticas referentes à literatura do século XIX e ensino de Literatura. Publicou vários capítulos de livros, artigos e organizou coletâneas de livros. Tem experiência na área de Letras, com ênfase na Literatura Portuguesa, História da Literatura e História do Livro e da Leitura, com destaque nos seguintes temas: comércio de livros entre Portugal e Brasil; estudos do romance no século XIX; crítica ao romance no Oitocentos, prosa de ficção oitocentista. Contato: gmaa.sales@gmail.com

*Recebido 10/09/2020.
Aceito em 30/10/2020.*